

Em 23 de maio de 1535, Vasco Fernandes Coutinho, chega aqui na Prainha de Vila Velha, local que décadas depois receberia o nome de Praia de Araribóia. Foi daqui que o índio partiu, para ajudar os portugueses a “expulsar” os franceses, aliados dos Tamoyos, da Ilha de Villegagnon, Baía de Guanabara.

Esta cena está representada na maior tela pintada que existe no E. Santo, “A PARTIDA DE ARARIBÓIA”. Fica na Assembléia Legislativa e seu autor Levino Fanzeres, o mais famoso pintor capixaba, nasceu em Cachoeiro de Itapemirim. A paisagem que compõe a cena, representada nessa tela, mostra perfeitamente os contornos da Prainha.

Anos depois, com a ocupação urbana, cada trecho da Prainha passou a ser conhecido por um nome próprio: Ponta da Uxaria, Praia da Timbeba, Inhoá, Maria Catoré; os pesqueiros: Queixo do Burro, Baixas, Oratório, Baliza, Purgatório, Ilha da Forca. Neste cenário foi executado por enforcamento Robério Martins, em novembro de 1555. Adelfo Poli Monjardim, descreve a execução num artigo publicado em “O MUNICÍPIO”, nº15, pág. 10, 23 de Maio de 1935. Explica que o motivo da condenação foi a morte de D. Jorge de Menezes, e meses depois, a de D. Simão Castelo Branco. Na ausência de Vasco Coutinho, em viagem à Lisboa, Robério Martins levantou os índios contra os dois fidalgos portugueses degredados, que comandavam a Capitania.

Desta introdução, podemos tirar algumas conclusões e conhecer melhor a nossa história. Nossa formação foi diferente, o sangue dos nossos índios circula nas nossas veias. Eu tenho uma parcela, e é só olharmos um grupo de capixabas, para reconhecermos traços dos nossos antepassados.

Acredito que quem insiste em contar a história capixaba falando em extermínio, não pesquisou, apenas copia a história de outros lugares da América, ou quer forjar um pedigree puro sangue.

Araribóia e seus bravos, foram requisitados para a batalha “naval” na Guanabara, exatamente porque eram bons nadadores e exímios canoeiros, e isso foi decisivo. O militar português, Salvador Correia de Sá, governador do Rio de Janeiro, sobrinho de Mem de Sá, foi salvo a nado por Araribóia, após um naufrágio. Portanto não faria o menor sentido mudar a capital para uma ilha contígua ao continente, para se defender dos índios.

As revoltas contra D. Jorge de Menezes e D. Simão Castelo Branco foram comandadas por um degredado português, Robério Martins. Longe de ser uma revolta indígena, eram os primeiros brasileiros enfrentando a corrupção no poder estabelecido. Embora sejam nomes de rua na Prainha, a história aponta os dois substitutos do Donatário, como maus governantes.

A poesia de Antonino Moreno – 1935, “A ENSEADA DE VILA VELHA”, em que descreve o cenário da Prainha, diz no 4º verso:

“A oeste de seu seio – oculta embora, -
jaz a ILHA DA FORCA, onde eram outrora,
punidos, pelas leis, os delinquentes...
No cimo de seu dorso alcantilado,
foi Robério Martins estrangulado...
Talvez que deste solo um TIRADENTES!...”

Página esquecida dos primórdios da nossa história, que deve ser mais pesquisada.

Nossa formação foi diferente graças à diversos fatores, entre esses, talvez o cultural, fez melhor a diferença. Por influência do principal líder daquele tempo, Pe. José de Anchieta, filho de um nobre Basco com uma índia de Tenerife, Canárias, aconteceu a miscigenação.

Não existe registro de um importante guerreiro índio local; de heróis portugueses ou brasileiros, entre os pioneiros; de praças de batalhas, excluindo o Cricaré no extremo norte; nenhuma vila foi destruída e nossas defesas estavam voltadas para o mar, preocupados com: franceses, ingleses e holandeses; nossos “fortes” avançados no interior, eram guarnecidos por 2 ou 3 índios pedestres, o trânsito sempre foi regular. Frei Brás Lourenço, trouxe do Rio de Janeiro para o Espírito Santo, o primeiro contingente expressivo de famílias de colonos. Não eram europeus, mas índios Temiminós, chefiados por Maracaiaguaçu, pai de Araribóia.

Criticamos os livros didáticos de história, por privilegiar os feitos e heróis da guerra, sobre as realizações culturais. Porque prosseguir na imitação se a nossa história é muito mais interessante?

O Capixaba é fruto de um amor oportuno. Em 1500, viviam aqui índios Tupis espremidos entre os Goytacazes, do norte do Rio de Janeiro, Pataxós do sul da Bahia e Aimorés ou Botocudos do interior. Tribos Tapuias, canibais, muito primitivas em relação aos Tupis. Nossos índios, isolados dos outros Tupis, vinham sendo literalmente devorados, ao norte, no sul e a oeste. Uma aliança, a esperança de salvação, chegou do mar. Assim a colonização começou aqui, quase em paz, e com muitas luas de mel.

Fim triste reservamos agora, no séc. XX, para o cenário desse idílio, aterramos a Prainha, degradamos o nosso meio ambiente e a cultura empírica dos nossos antepassados, desprezando seus conhecimentos.

Gratifica-se a quem encontrar Robério Martins, vivo ou morto na nossa história. Pistas foram deixadas aqui. O que certamente não vamos encontrar na nossa história, são Rosas e Jacksons. O primeiro, eleito presidente da Argentina por exterminar índios, empurrando os poucos sobreviventes para o estreito de Magalhães, sul da Patagônia. O Brasil através de Duque de Caxias, ajudou a expulsá-lo para a Inglaterra, onde morreu. O segundo, chamado pelos índios de “Faca Longa” reeleito presidente dos Estados Unidos por exterminar os índios e desrespeitar a Corte Suprema Americana, favorecendo ilegalmente os Colonos.

Kleber Galvêas –

Ateliê Galvêas

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil - Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: ateliê@galveas.com www.galveas.com

HORÁRIO: Todos os dias das 12:00 às 18:00 h. Sextas e Sábados até às 22:00